

ESPANJAMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famacão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

Foi assim, é assim e será sempre assim...

Demagogo — Vocelências sabem — de chapéu alto ou de burguesíssimo jaquetão, foi um produto natural da Revolução Francesa. Era apaixonado e dizia-se livre de todos os facciosismos. Era violento e dizia-se calmo. Era atribiliário e dizia-se legalista. Era déspota e dizia-se liberal. Era intolerante e dizia-se justo. Era sanguinário e dizia-se inimigo de todos os excessos.

Ao mesmo tempo que erguia a máquina macabra da Guilhotina, onde haviam de ser imolados aquêles que o seu ódio escolhera, entoava hinos aos direitos do homem e compunha estrofes, de piegas lirismo, à Liberdade, à Igualdade e à Fraternidade, à Beleza e à Bondade... Um tartufo.

A História Universal deve-lhe algumas das páginas mais negras. Porque foi êle, ainda, que mais lutou contra o espírito ocidentalista, pela sistemática laicização da sociedade, e que abriu o caminho à barbárie comunista, quer por meio dos seus horrores, quer à sombra das suas falsidades. Pode até dizer-se, com absoluta verdade, que nem o mais feroz absolutismo fizera tantas vítimas e provocara tantas ruínas.

Os diversos povos do Mundo pagaram duramente, pois, o domínio e a influência da Demagogia. Em mais de um século de tristíssima existência ensangüentou as Nações e aviltou o género humano.

Portugal foi dos países que mais sentiram os males degradantes dêsse nefasto «sarampo». Embora a sua vocação universalista e a sua formação cristã o defendessem das investidas grosseiras dos antros maçónico-liberais, os estragos na fazenda nacional foram extensos e profundos. O Demagogo encheu-se de tripudiar sôbre os interesses do País e sôbre a sinceridade do povo. Em vez de cumprir o que lhe prometia, em atitudes de grande espectáculo, ria-se e escarnecia da sua pureza. A política mesquinha e rancorosa, feita de traições e de misérias, era o seu fim e o seu objectivo constantes.

A mudança de regime instigou largamente a sensibilidade simiesca do Demagogo. Os seus apetites ferinos e as suas ambições de predomínio levaram-no a cometer as mais repugnantes atrocidades, sob a capa mentirosa da liberdade. Desfeiteou, insultou, enxovalhou e corrompeu. Exerceu o despotismo, desprezou os direitos legítimos, cometeu tôdas as arbitrariedades e ensopou em sangue o corpo martirizado da Nação. Contudo, desfazia-se em elogios à «divina Democracia» e à liberdade de consciência.

O «28 de Maio» acabou com o reinado dêsse curioso invertebrado que nos reconduziu à idade dos fósseis. O alto sentido que Salazar imprimiu à política nacional fêz desaparecer as cabeleiras ao vento duns quantos românticos que enchiam os ares de retórica barata, aprendida ao balcão de padaria de província. As realidades da vida presente e as lições que os povos receberam destruíram o ambiente que os tornou possíveis e que durante largo tempo favoreceu a sua descarada e refinada hipocrisia.

Contudo, ainda hoje há demagogos. Andam por aí, sempre disfarçados, tentando iludir as pessoas de boa fé e os ingénuos. Dizem-se alheios a política. Mas nunca perdem a oportunidade de morder pela calada, repetindo os lugares comuns de há trinta anos e os estafados sofismas que são peculiares aos que se fixaram na ciência do seu barbeiro ou do seu engraxador.

Durante a guerra de Espanha não se comoveram com as atrocidades selvagens dos lacaios de Staline, então tido e havido como camarada n.º 1. Eram cousa natural e lógica num conflito de natureza tão apaixonada, babando-se de gozo — é o termo — sempre que as emissoras de Paris ou de Moscovo lhes anunciavam qualquer dessas edificantes proesas dos bandoleiros «vermelhos». Mas revoltam-se agora diante da simples idea da guerra e de uma prepotência que fica muito longe do que êles afirmam.

O exemplo da Suíça, como democracia modelo — já largamente explicado e desfeito à luz da realidade histórica e política — ainda é apontado na hora adiantada que vivemos, merecendo a êsses cérebros cristalizados as palavras postas fora de curso há mais de vinte anos.

No fim de tudo trata-se da revelação de um caso patológico que não tem solução possível. O Demagogo foi assim, é assim e será sempre assim. Questão de mentalidade, questão de sangue, questão de raça...

MANUEL ARAÚJO.

A' MARGEM

AINDA A GUERRA. Não que vamos focar a sua parte exclusivamente militar e técnica; bem sabemos que pululam *estrategistas* em tôdas as esquinas — deixêmo-los asnejar as suas utopias — mas nós, que não temos *sequer* o curso de estado maior, nunca nos aventuraremos a discutir aquilo de que não temos alicerces para firmar as nossas opiniões. Não que vamos focar as causas próximas ou remotas da gravidade do momento actual ou adivinhar as suas conseqüências num futuro próximo ou afastado; bem sabemos que quem quer se julga profeta de tudo o que a sua imaginação e os seus interesses sonham ver realizado. Nada disso.



UM INTERESSE MAIOR nos leva a escrever estes breves comentários: *o interesse português.* E a Portugal interessa, hoje, mais do que nunca, viver com calma, com serenidade — em paz — continuando a marcha triunfante da nossa Revolução.

Quebrar esta directiva é dividir a personalidade da nação, é dificultar a liberdade da acção do nosso governo. Dizer-se militante do Estado Novo, não basta. E' preciso que as suas acções, os seus actos, a sua mentalidade, acompanhem as directrizes e os conceitos dêsse mesmo Estado — a sua orgânica, a sua doutrina.

E não o é quem não acata as ordens dimanadas dos dirigentes, do Governo, quem dificulta a acção dêsse mesmo governo, quem tenta dividir as gentes portuguesas em vez de nos unirmos em volta dêles.



E QUEM É QUE TEM INTERESSE em nos dividir? Nas alfurjas democráticas, minando a nossa consciência, as feras esperam o momento de assalto, aproveitando tôdas as ocasiões. Os meios não lhes interessam — quantas vezes já puseram a Pátria em almoeda — nem a gravidade actual no mundo. Aproveitando-se dêsse momento de confusão, tentam lançar a discórdia, em última esperança de vinda.

Para êsse fim servem-se — e quantos, inconscientemente, servem os seus fins — de todos os *boateiros*, os *estrategistas* e os comerciantes *gananciosos*. Tudo isto origina a formação de correntes de opinião várias, divide os homens, dispersa actividade, retalha o País — homens que

(Continua na 4.ª página)

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA VIDA DESPORTIVA

18.º Domingo depois do Pentecostes

Evangelho (Mat., IX, 1-8. — Entrando *Jesus* numa barca, passou à outra banda, e foi à sua cidade. E eis que lhe apresentaram um paralítico que jazia num leito. E, vendo *Jesus* a fé que êles tinham, disse ao paralítico: «Filho, tem confiança: são-te perdoados os teus pecados». E logo alguns dos Escribas disseram dentro de si: «Este blasfema». E, como *Jesus* visse os pensamentos dêles, disse: «Porque cogitais mal em vossos corações? Que cousa é mais fácil, dizer: Perdoados te são os teus pecados; ou dizer: Levanta-te, e anda? Pois, para que saibais que o Filho do Homem tem poder sobre a terra para perdoar pecados: Levanta-te (disse êle então ao paralítico), toma o teu leito, e vai para tua casa». E êle se levantou, e foi para sua casa. E, vendo isto, as gentes temeram, e glorificaram a *Deus*, que deu tal poder aos homens.

Homília. — Eis um pobre desgraçado muito doente... A paralisia não é todavia a morte; mas que triste estado e quanto é digno de lástima!... Esta doença é a figura duma espécie de paralisia espiritual que se chama *tibieza*, doença muito vulgar principalmente entre as pessoas piedosas; e quanto não é perigosa!... Examinemos: 1.º — os sinais da tibieza; 2.º — os perigos; 3.º — os remédios.

Um paralítico não tem o uso dos seus membros, não tem movimento, não pode ir para nenhuma parte nem fazer nada por si mesmo; é como que insensível. Não tem mãos para praticar boas obras, ou, se as pratica, fá-las mal; não tem pés para ir à Igreja, para o serviço de *Deus*, para o cumprimento dos seus deveres; não tem língua para orar ou ora mal; não tem ouvidos para escutar a palavra

divina nem os avisos caridosos; é insensível para as cousas de *Deus* ou do céu.

A alma tibia, pôsto que viva, está deitada sobre o leito das afeições terrenas, das bagetelas do mundo, das amizades perigosas, dos hábitos viciosos. Não sente as suas faltas, ou escusa-as ou compraz-se nelas.

Ora ainda, mas somente com a boca... recebe ainda os Sacramentos, mas sem emenda, sem fruto. Busca as suas comodidades, a satisfação de seus caprichos; horror ao trabalho, à abnegação, ao sofrimento... nada de penitência, nem de mortificação.

Que necessidade teria *Deus* de servos ou de filhos que o servissem ou lhe obedecessem contrafeitos, sem dedicação, sem zelo, sem amor? Para merecer o céu é necessário praticar boas obras, glorificar a *Deus* por uma vida santa, edificar o próximo, praticar as virtudes cristãs... ora o tibio não faz nada disto; torna-se incapaz de cumprir os deveres mais essenciais. E se alguma vez pratica alguma obra boa, fá-la tam mal que *Deus* rejeita-a com desgosto.

Como é difícil curar a tibieza!... Porque o pecado mortal é capaz dum receio salutar, e o Sacramento da penitência cura pecadores. Que fazer pois? E' preciso por isso um bom retiro, algumas vezes isso seria um acidente terrível... Depois é necessário ir a *Jesus*, isto é, orar e fazer orar por si com fé, com confiança, com humildade; pedir com instância a cura. Excitar uma contrição sincera e confessar-se bem. Vamos, coragem, energia para os vences e para quebrar vossas cadeias!

Fidelidade activa e verdadeira generosidade para todos os vossos deveres!

Quantos de entre vós, meus irmãos, estais atingidos por esta paralisia espiritual, a *tibieza*!... Oh! pedi a Nosso Senhor que vos cure depressa, que vos restitua o vosso antigo fervor!

FUTEBOL

Com o louvável intuito de preparar a sua equipe para o próximo campeonato distrital, a direcção do Vitória fêz deslocar até ao Bemlhevai a turma de honra do Sport Comércio e Salgueiros.

Atendendo aos resultados alcançados ultimamente pelo Sporting de Fafe sobre o Salgueiros, e, ainda ao jôgo de domingo por parte dos locais em frente do Boavista, êste encontro despertou certa ansiedade entre os apaixonados da bola.

Os que se deslocaram para avaliar as possibilidades dos nossos representantes na competição distrital, retiraram com esperanças; aquêles que esperavam dos alvi-negros uma exhibição análoga à do domingo anterior, ficaram desiludidos, pois o jôgo foi fraco... é princípio de época. Vejamos, embora duma maneira rápida, o que foi o desafio.

Sob a direcção de João Passos os grupos iniciam o jôgo às 16 e 15, ficando os encarnados contra o sol e cabendo a bola de saída aos nossos, que com jogadas rápidas desorientam os adversários; depois de uma série de passes entre o avançado-centro, Tavares e Laureta, surge o primeiro *goal* do Vitória, por êste último jogador, aos 3 minutos. A seguir é Bravo que desperdiça uma boa abertura do centro, deixando sair a bola pela linha de cabeceira.

Aos 10 minutos, Bom intercepta uma jogada com a mão sobre a linha da grande área, castigo que marcado nada resulta.

Os avançados locais continuam a impor o seu jôgo rápido, e assim Bravo marca o segundo *goal* aos 15 minutos.

Nesta altura, os portuenses reagem; a sua linha média que até aqui não se evi-

denciou, principia a jogar lançando os seus avançados para a frente.

Zeferino corta uma passagem dos salgueiristas com o braço, e o árbitro ordena *penalty*, que foi justo; o interior direito aponta-o, a bola faz tabela na barra superior e ressalta para o terreno, mas como Ricoca lhe tocasse com as mãos, na recarga o mesmo avançado obtém a 1.ª bola do seu grupo aos 25 minutos.

A linha de médios dos encarnados continua a fazer bom jôgo, principalmente o médio centro, ao contrário dos médios do Vitória.

Adélio numa boa estirada salva uma bola que parecia certa, haviam decorrido 28 minutos.

Na jogada seguinte Pantaleão obtém o 3.º ponto aos 30 minutos.

Passavam 42 minutos quando o avançado-centro dos rubros marcou a 2.ª bola dos seus.

Pouco depois, quando Laureta tentava visar as rédes adversárias, já em pleno desequilíbrio, caiu, e o árbitro assinalou *penalty*.

Este castigo foi rigorosíssimo pois que o jogador portuense não teve culpa, ordenando o juiz de campo a expulsão do defensor esquerdo, mas êste não quis sair, continuando em campo.

Tavares marca o castigo..., mas a bola sai ao lado do poste; assim a sorte corrigiu um mal.

Com uma bola de saída de Adélio, termina a primeira parte do encontro.

2.ª parte

O Vitória modifica a sua constituição entrando Oliveira II a substituir Vitorino
(Continua na página seguinte)

NOTICIÁRIO

Sociedade

De Campeã, Vila Real, regressou o sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro, digníssimo professor do nosso liceu.

— Para Vimioso, acompanhado de sua esposa, partiu o sr. Arnaldo Alberto Trancoso Pôças Falcão.

— Para Lisboa seguiu, a retomar os seus estudos, o nosso amigo António Rebêlo da Mota Cruz.

— De Lisboa regressou o sr. Alberto da Silva Guimarães.

— Vimos nesta cidade os nossos amigos eng.º Duarte do Amaral e Gaspar do Amaral.

— A tratar com o sr. presidente da Câmara, de assuntos respeitantes às Comemorações Centenárias, esteve nesta cidade o sr. capitão Henrique Galvão.

— Tem estado entre nós o sr. tenente Miguel de Sequeira Braga.

— De Vila do Conde regressou o sr. Alberto Costa e sua ex.ª família.

— Da mesma praia regressou o sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha, acompanhado de sua ex.ª família.

— Para Valcovo, Bombarral, onde vai exercer o magistério, partiu o professor e nosso amigo sr. António Henriques Ribeiro da Cunha.

— Ainda de Vila do Conde regressou também o prezado amigo arquitecto José António de Sequeira Braga.

— Na sua quinta da Atouguia tem estado o sr. major Mário Cardoso e sua ex.ª família.

— Acompanhado de sua filha, encontra-se em Airães — S. Mamede de Vila-Verde (Douro), o sr. major António José Teixeira de Miranda.

— Na sua quinta de Riba d'Ave encontra-se o sr. Luiz Cardoso de Macedo de Meneses (Margaride).

— Com sua família partiu para a Póvoa de Varzim o sr. José Carreira.

Falecimentos

Na sua residência, no largo Cónego José Maria Gomes, morreu no dia 24, com 87 anos, a sr.ª D. Cristina Amélia da Silva Carneiro, esposa do respeitável vimaranense e abastado capitalista sr. An-

tónio Augusto da Silva Carneiro e mãe dos srs. dr. António Augusto da Silva Carneiro Júnior, distinto magistrado e dr. Alberto da Silva Carneiro, proprietário e sogra do sr. Manuel A. Pereira Duarte.

A extinta era aparentada com algumas famílias da melhor sociedade vimaranense. A sua morte, apesar de esperada, foi muito sentida.

Na igreja de Nossa Senhora da Oliveira realizou-se no dia 26, com a assistência de muitas pessoas de várias categorias sociais, instituições de caridade, Bombeiros Voluntários, etc., o funeral da saudosa senhora.

Findos os officios fúnebres foi o cadáver, seguido de muitos automóveis, trasladado para o cemitério de Atouguia, onde ficou inhumado em jazigo de família.

Fechou o caixão o sr. dr. Luiz Ribeiro Martins da Costa (Aldão), sobrinho e afilhado da extinta.

A família enlutada apresenta *Ressurgimento* as suas condolências.

Morreu nesta cidade a sr.ª D. Maria de Freitas Ribeiro Teibão, viuva, irmã das sr.ªs D. Matilde de Freitas Ribeiro Teibão e D. Quiteria de Freitas Ribeiro Teibão e do sr. Ernesto Teibão de Abreu, cunhada do sr. Ilídio Ribeiro Dias e tia

da esposa do sr. Joaquim António da Cunha Machado.

Da igreja da Misericórdia saiu, no passado dia 26, o funeral da desditosa senhora, o qual foi muito concorrido.

A chave do caixão foi entregue ao sr. António de Freitas Ribeiro, abastado capitalista e primo da extinta.

O cadáver foi removido, após os officios fúnebres para o cemitério de Atouguia, com bastante acompanhamento.

Os nossos sentidos pésames.

Aniversários

Outubro, 1 — Luiz Henrique Cardoso de Meneses (Margaride).

3 — D. Maria Antónia Rêgo Machado Cardoso de Meneses.

5 — Luiz Nunes de Sousa.

6 — Alberto da Cunha Guimarães.

8 — Henrique Nuno Cardoso de Meneses de Almeida Campos.

FUTEBOL

Campo de Bemlhevai — Guimarães

Domingo, 1 de Outubro (às 15 e 30 horas)

Leça Foot-Ball Club contra Vitória Sport Club (Campeão do Minho)

Os sócios do Vitória terão entrada gratuita mediante apresentação da última cota

Câmara Municipal de Guimarães

Resumo do expediente da sessão ordinária 22 de Setembro de 1939

Comunicação: — O sr. presidente comunicou à Câmara ter telegrafado em nome da mesma a Sua Ex.^a o Sr. Presidente da República, felicitando-o pelo seu feliz regresso, e congratulando-se pelo êxito patriótico obtido pela viagem de Sua Ex.^a às terras distantes do Império.

Ofícios: — O presidente da junta de S. João da Ponte, agradece o subsídio que lhe foi concedido e pede que o mesmo lhe seja aumentado para solver grandes despesas que tem a seu cargo. Foram-lhe concedidos 200\$00.

— O mesmo, pede autorização para levantar as importâncias recebidas do imposto de prestação de trabalho, relativas aos paroquianos daquela freguesia que deixaram de fazer o pagamento no prazo legal. Foi autorizado.

— O director do ensino primário do distrito de Braga, pede o parecer da Câmara sobre a conveniência da criação duma escola masculina na freguesia de Guardizela, dêste concelho, bem como a conversão da actual mixta em feminina. Informa favoravelmente.

— O mesmo pede informação acêrca da conveniência da criação de um segundo lugar na escola feminina de Caldelas, dêste concelho, bem como das condições de instalação fornecidas ao mesmo ou da data provável em que o seu funcionamento se poderá efectuar. A Câmara resolve informar favoravelmente quanto à primeira petição, e confiar à repartição de engenharia a resposta à segunda pergunta.

— O engenheiro-director de estradas do distrito de Braga, diz que o trço de estrada em referência foi incluído no projecto de grande reparação da estrada nacional n.º 5, entre Guimarães e Pombal, para a sua conservação não estar a cargo do Estado. Que embora a entrega fôsse determinada por portaria, não foi êsse trço recebido pelo Estado, devido ao péssimo estado em que se encontrava, tendo sua ex.^a o sr. Ministro concordado em que o referido trço de estrada não fôsse recebido por aquela Direcção enquanto não estivesse devidamente reparada pelo Estado. Inteirada.

— O tezeiro da Casa dos Pobres, de Guimarães, pede o pagamento de 5.000\$00, importância votada por esta Câmara para aquela instituição. Foi autorizado o pagamento.

— O engenheiro-chefe da Inspeção de Minas e Serviços Geológicos, Lisboa, remete as plantas das Caldas das Taipas, com a indicação da área reservada pedindo que uma delas seja entregue à empresa arrendatária. Inteirada.

— O director da revista *Turismo*, Lisboa, pede para esta Câmara tomar a assinatura daquela publicação. A Câmara fará a assinatura pedida.

— O sr. dr. Luiz de Pina, do Pôrto, agradece o convite que lhe foi feito para colaborar na festa que haverá em Guimarães em 23 de Setembro, e que aceita com muito prazer o convite. Inteirada, resolve agradecer.

— O director da Sociedade M. Sarmiento, comunica que acaba de dar entrada naquele Museu a valiosa oferta desta Câmara, constante de diversos objectos, o que agradece. Inteirada.

— O tezeiro da comissão da Casa dos Pobres de Vizela, pede o pagamento do subsídio de 1.000\$00, deitado por esta Câmara e que diz respeito ao mês de Setembro corrente. Foi autorizado o pagamento.

— O secretário geral da Emissora

CORPORATIVISMO

Ouvindo o tesoureiro do sindicato dos sapateiros

Tínhamos ouvido dizer que a sede do Sindicato dos Sapateiros sairia de Guimarães para Braga e como esta notícia, sem fundamento ainda, nos fôra transmitida lamurosamente, quisemos ouvir alguém do referido Sindicato.

Não encontramos o presidente, mas conseguimos conversar com o tezeiro, sr. João de Almeida Baptista.

— Então diz-se para aí que o vosso Sindicato deixa Guimarães para ficar aqui só uma Secção?

— E' verdade! Isso é o que já me constou! Mas digo-lhe que tenho muita pena, porque ultimamente temos passado bons trabalhos para o ter ainda de pé!

— Mas não há razão para a sede ser aqui?

— Há, sim, senhor. Ora quer ver: em Guimarães há muito mais sapateiros do que em Braga, que são as terras do distrito onde a *arte* está mais espalhada.

E para mais: uma grande parte dos *artistas* de Braga recebem obra dos armazéns de Guimarães.

— Não há dúvida; parece-me que vocês têm razão, mas...

— O que a gente queria é que as autoridades se interessassem por que a sede continuasse a ser aqui, o que é de direito.

E então lá vai: tenho cá uma fé de que o sr. dr. Henrique Cabral nos há-de auxiliar para que a Sede do Sindicato dos Sapateiros continue em Guimarães, e venha a viver bem.

— Já agora queremos ouvi-lo mais um pouco.

Quem foi a comissão organizadora?

— Foram: Joaquim Ferreira, Inácio Dias de Sousa, Manuel Leite, Francisco José de Macedo e Simão José de Macedo.

— Quando é que foi oficialmente fundado este Sindicato?

— Foi fundado por alvará de 31 de Outubro de 1936.

— Quais são os elementos da actual direcção?

— São: Presidente: Joaquim Ferreira; Secretário: José Martins; Tezeiro: João de Almeida Baptista; Presidente da Assembleia Geral: Manuel Dias.

— Houve alguém, de entre os seus colegas, que tivesse trabalhado mais pelo Sindicato?

— Ouve, sim senhor, foi o que é agora presidente, o Joaquim Ferreira.

Foi êsse que mais trabalhou para a fundação e que teve um bom trabalhinho depois com êle.

Nacional de Radiodifusão, Lisboa, diz não lhe ser possível assegurar a colaboração solicitada para a festa a realizar no dia 23 de Setembro, por a maioria dos artistas se encontrarem em férias. Inteirada.

— O comandante do posto de Segurança Pública em Guimarães, pede lhe sejam colocadas no seu gabinete as fotografias de S. Ex.^{as} o sr. general Carmona e dr. Oliveira Salazar. Deferido.

— O mesmo diz que os calabouços daquele posto não oferecem segurança. A' repartição de engenharia para ordenar as obras necessárias.

Empréstimo para expropriações: — Resolveu contrair na Caixa Geral de Depósitos, a parte do empréstimo de 3.500.000\$00 já superiormente autorizado, e que se destina à expropriação de terrenos para urbanização, na impor-

— Diga-me uma cousa:

Quantos inscritos têm?

— Aí cêrca de 300.

— Pagam todos como o sol?

— E' o pagas! O senhor até vai ficar admirado!... Só pagam bem as cotas, 12...!

— ...!

— A gente agora vai trabalhar de duro para que o Sindicato entre nos eixos. E ainda por cima com a sindicalização obrigatória... que foi uma grande medida!

— Quanto paga cada sócio?

— \$50 por semana, só.

Pensávamos em arranjar uma Caixa de Socorros, provisoriamente, enquanto não viesse o Contrato Colectivo, em que temos muita esperança.

— Desemprego, há muito?

— Ainda há, mas não é tanto como já aconteceu.

— As famílias dos sapateiros, que tal vivem?

— Na maioria vivem mal...

O dinheiro que se ganha é pouco...

— Então o custo do feito de cada par, quanto é?

— O *artista* de obra fina ainda vai vivendo, mas o *artista* de obra média, para não falar no dos consertos, e que leva aí 10 ou 12 horas a fazer em par, ganha pelo feito dele 9 a 10\$00. E ainda põe as miudezas do seu bolso.

— Mas a organização não olha...

Por isso é que a gente queria ver tudo organizado em oficinas.

Para quê?

— Para haver melhor organização no trabalho, nos salários, na disciplina, no horário, e em outras cousas.

— E os patrões; como é que eles tratam o vosso Sindicato?

— Só se particularmente disserem alguma cousa, porque, de resto, não os ouvimos guerrear-lo.

* * *

A nossa conversa acabou por desejarmos muitas prosperidades para o Sindicato dos Sapateiros, por a êstes desejarmos melhores condições de vida tanto materiais e morais como sociais.

E já agora, com êles, pedimos, a quem de direito, que a sede do Sindicato seja mantida em Guimarães, e que esta classe tam ao abandono, seja acarinhada por todos, sem excluir o auxilio, sobretudo moral, dos outros Sindicatos de Guimarães.

tância de 485.000\$00 contos, encarregando o sr. Lino Teixeira de Carvalho de outorgar as respectivas escrituras.

Cantoneiros municipais: — Por estarem diversas estradas e caminhos municipais em más condições de trânsito, a Câmara resolveu nomear vários cantoneiros. Mais resolveu que os cantoneiros não possam ser desviados dos seus cantões para quaisquer outros serviços municipais.

Deliberou: — Tomar providências para se proceder à transferência do marco-postal que actualmente se encontra na rua de Paio Galvão para a praça de D. Afonso Henriques.

— Encarregar Domingos Alves, carpinteiro das Taipas, da execução da obra da cobertura dum tanque na freguesia de Caldelas, pela quantia de 1.900\$00 e Manuel Fernandes, do concelho de Bra-

Vida desportiva

(Continuação da página anterior)

e Oliveira III (do Académico) ocupa o lugar de avançado-centro.

Com o sol a favor, sai o Salgueiros às 17 e 15 minutos, levando a bola até às rédes dos locais, cuja defesa concede canto que marcado não dá nada.

Passados 10 minutos surge um canto contra os visitantes, marca-o Bravo, anichando-se a bola nas rédes, directamente.

Aos 13 minutos Ricoca mergulha arrojadamente aos pés do interior direito contrário arrebatando-lhe a bola, e assim evitou mais um *goal* contra o seu grupo, nesta jogada Bom fica magoado sendo retirada do campo em braços, enquanto Oliveira recua à defes e reentra Vitorino.

Os visitantes aproveitam esta oportunidade para obter aos 15 a sua 3.^a e última bola pelos pés do interior esquerdo. Bom volta ao campo saindo Vitorino.

Daqui em diante assiste-se a um jôgo com a avançada do Vitória isolada da defesa, visto que os médios têm sido o ponto fraco do *team*.

Mesmo nestas condições, Oliveira III obtem o 5.^o *goal* aos 36 minutos e aos 39 é Pantaleão que fixa o resultado em 6-3 a favor dos vimaranenses.

Os grupos:

Vitória — Adêlio, Lino e João; José Maria, Zeferino e Vitorino (depois Oliveira II); Laureta, Pantaleão, Jacinto (depois Oliveira III), Tavares e Bravo.

Salgueiros — Moura, Alípio e Jaime; Pereira, Ferreira e Oliveira; Mascote, Cerqueira, Maio, Alfredo Pereira e Walter.

Passos arbitrou com imparcialidade, mas teve dois êrros: A marcação do *penalty* contra os visitantes, e consentir que o defesa esquerdo encarnado continuasse a jogar depois de ter sido expulso.

Os jogadores:

Do Salgueiros — Ferreira, Cerqueira e Maio, os melhores.

Do Vitória — Tavares (quer ao ataque quer vindo buscar jôgo à defesa), Pantaleão e Ricoca.

Dos dois avançados-centros gostamos mais de Oliveira, mas por um só jôgo nada se pode ajuizar.

Como há crise de abundância de avançados-centros, não seria interessante experimentar algum a médio esquerdo visto Vitorino não servir?

Uma cena lamentável se passou em campo, que urge a ex.^{ma} Direcção reprimir com a máxima rectidão: haver respeito e acatamento de ordens por todos os componentes do *team* para com o capitão de equipe.

R.

ga, da construção dum muro de suporte na estrada municipal de Sania Cristina de Longos, pela quantia de 7.650\$00;

— Conceder o subsídio de 500\$00 à comissão organizadora da peregrinação à Penha, realizada em 10 do corrente;

— Autorizar o pagamento de 400\$00 ao major de engenharia sr. Francisco Caravana pelos serviços prestados à Câmara;

— Conceder o subsídio de 1.000\$00 ao sr. Jacinto da Silva Guimarães, proprietário dum prédio sito na rua dr. Ave-lino Germano, a fim dêste mandar proceder ao alinhamento da referida casa e considerar sem efeito a deliberação da Câmara, de 1 de Outubro de 1936, relativa ao mesmo assunto.

A orgia fadista

O *Jornal da Tarde*, que veio trazer à nossa imprensa uma vivacidade cheia de brilho e interesse, escreveu sobre o «O Fado do Teatro» meia coluna de razões inteligentes, que sinceramente desejamos aplaudir, em nome da Moral e dos bons costumes. Termina o *Jornal da Tarde* com este período lapidário: «Como quer que seja, é tempo de, que mais não seja por sanidade mental, se fechar o ciclo de «Consagração» das *Damas das Camélias* de alcouce e dos *Hernanis* de alfurja».

E não é só no teatro. Nas estações de rádio, o abuso está-se convertendo em epidemia. Protesta-se, reclama-se, despedem-se assinantes, mas o *virus* sinistro continua sua carreira, como se o alimentassem ocultos impulsos de extintas influências maçónicas ou carbonárias.

Na Emissora Nacional, então, cuja finalidade é essencialmente educativa e orgânicamente propagadora das virtudes do Estado Novo, não se pode compreender sob nenhum aspecto a incrível teimosia com que se continuam consagrando fados e fadistas contra a opinião e os reparos justamente indignados de toda a gente de bom senso.

De *Ocidente*.

Assinaturas e consignações de revistas

Estamos estudando a forma prática de solicitar das autoridades competentes medidas sumárias que protejam as Revistas literárias contra os enxovalhos que sofrem constantemente na cobrança de suas assinaturas ou na tomada de contas de suas consignações. Os recibos são devolvidos uma, duas, três vezes sem o menor escrúpulo, mas essa devolução não é acompanhada, como seria natural, dos fascículos correspondentes. E as contas de consignação — que são contas de depósito — arrastam-se semanas e meses nas mãos dalguns consignatários, por falta do respeito devido àquilo que aos outros pertence e lhes é confiado para venda ao Público. E não são poucos os que assim procedem — numa Terra em que, infelizmente, as Revistas literárias têm uma vida tão difícil — mais atribulando ainda a existência dos minguados órgãos de cultura e embarçando-lhes crimosamente o seu regular funcionamento. Não é mesmo exagero dizer-se que muitas Revistas têm frassado por motivo dessas defecções de assinantes e consignatários, uns e outros certos duma impunidade que é necessário suprimir.

Ocidente, que está apenas no número 17 e não enviou um único exemplar de assinatura a pessoa que não tivesse preenchido um boletim, assinado uma lista ou feito o pedido em postal ou carta — tem já cerca de 8.000 escudos de recibos recusados, alguns de pessoas que... grande estranheza causaria a publicação de seus nomes.

E' deveras prosaico falar destes assuntos numa Revista de Arte e Pensamento; alguns dos mais relapsos consideram grosseria lembrar-lhes o cumprimento de suas obrigações, mas a paciência tem seus limites e se uma conta de dez

Apontamentos...

Mocidade Portuguesa

Estamos em vésperas do começo do novo ano escolar. E com ele começa, em maior actividade, a vida da Mocidade Portuguesa.

Muito principalmente é preciso — já não estamos em organização — que essa vida entre na normalidade e no caminho certo e seguro, visando os fins para que as formações da juventude foram criadas.

Algumas considerações sobre a realidade presente, são necessárias neste momento: defeitos a corrigir, caminho a seguir e maneira de trabalhar.

Não se formou a Mocidade Portuguesa para fardar a gente moca por igual; não se entrou na Mocidade para se trazer uma farda vistosa. Fundou-se a Mocidade Portuguesa, reunindo a juventude dentro dum mesmo ideal, formando-lhe uma mentalidade nova, educando-a nos princípios eternos da nossa civilização cristã; entrou-se na Mocidade para nos elevarmos física e moralmente — *mens sana in corpore sano*. Posto isto, cabe-nos perguntar: — Porque razão, sendo dia de gala da M. P. e obrigatório o uso de farda nesse dia, não compareceram os rapazes, no dia 14 de Agosto, na missa do *Pelote*? O que fizeram durante as férias? Que livros leram?

Continuaremos.

Legião Portuguesa

Principiam no próximo dia 15 de Outubro os exercícios da Legião Portuguesa.

Depois dum merecido descanso vão recomeçar os trabalhos de instrução dos novos recrutas e aperfeiçoamento dos antigos filiados — instrução militar que é necessária. Mas não é tudo, ou antes, seria muito pouco — porque não é a base da formação do individuo — manter-nos como até aqui, quasi que alheados da formação duma mentalidade nos legionários. Precisamos de o educar com mais afinco nos princípios orientadores da Revolução Nacional.

Antes de tudo o legionário tem de ser um nacionalista consciente, combativo — um homem de acção. E para o ser necessário se torna uma base sólida na sua formação doutrinária: para ser coerente, para ser firme nas suas convicções.

Um programa simples, organizado com critério, dividido em assuntos e em capítulos; um grupo de legionários encarre-

escudos ao padeiro é uma dívida de honra, porque o não há-de ser uma de 30 à administração desta ou daquela Revista? E o que se poderá dizer ainda daqueles a quem a gente comete o abuso de enviar os recibos em inteira confiança dentro duma carta e depois nunca mais obtém resposta alguma?

Por tudo isto e para que se possa chegar a uma solução acauteladora destes lunáticos instrumentos de cultura que são as revistas, *Ocidente*, já bastante escarpelizada, está estudando a forma de obter para si e para as suas colegas uma fácil disposição legal que as defenda dos generosos assinantes sem encargos... e dos consignatários relapsos.

(Da revista *Ocidente*.)

gados de desenvolver os vários capítulos de cada assunto; e, finalmente, diferentes sessões semanais em ambiente de conversa — eis tudo o preciso para uma melhor formação política, social e moral da mentalidade do legionário.

A nossa constituição política, a organização corporativa, o nosso esforço colonizador e a nossa epopeia missionária, são capítulos esplêndidos para assunto duma lição.

Economia portuguesa

Salvaguardado o consumidor, pelas medidas tomadas pelo Governo; salvaguardado o produtor pela disciplina, previdência e orientação da organização corporativa, assegurou-se firmemente a continuação do nosso viver normal, salvo pequenas excepções. Em géneros de primeira necessidade, está garantido o abastecimento da metrópole.

No sector agrícola, o aumento da nossa produção cerealífera garante hoje em absoluto o abastecimento da metrópole, que conta ainda com o milho colonial e, se necessário for, com o arroz da Guiné e de Angola. Os restantes produtos alimentares, de origem agrícola, habitualmente consumidos são, na sua quasi totalidade, fornecidos pela metrópole, que pode ainda contar com o feijão de Angola.

O abastecimento de açúcar de Angola e de Moçambique está plenamente assegurado.

Na carne, no peixe e nos ovos não há também modificação na situação, porque todos esses géneros são fornecidos pela economia nacional.

Pelo que respeita ao bacalhau, que desempenha um papel importante na alimentação das classes menos abastadas da população, já a Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau publicou os necessários esclarecimentos, pelos quais se verifica que o seu abastecimento se encontra perfeitamente garantido, quer através das compras efectuadas no estrangeiro, quer ainda do bacalhau pescado pela frota portuguesa, que em grande parte já iniciou a viagem de regresso a Portugal e que de futuro será sempre um valor precioso a considerar, capaz dum rendimento muito superior ao que forneceu durante a última guerra.

Isto, por opposição, só nos faz lembrar o que seria a economia portuguesa se, em vez da organização corporativa e um Estado Forte, tivéssemos o liberalismo económico e um estado democrático. Infelizmente, já o experimentamos.

LICEU

Horário dos exames do 1.º e 2.º ciclo

2 de Outubro — Provas escritas:
Português, 9 horas; Francês, 11 horas; Aritmética e Algebra, 14 horas; Geografia, 16,30 horas.

3 de Outubro: Geometria, 8,30 horas; Ciências Geográficas-Naturais, 11 horas; Desenho de imitação a mão livre, 14 horas; Desenho geométrico e de invenção, 16,30 horas.

As segundas provas escritas têm lugar nos dias 4 e 6 ás mesmas horas.

Provas práticas, 2 de Outubro.

Química, 9 horas; Física, 11 horas.

Usado pela Comissão de Censura

A' MARGEM

(Continuação da 1.ª página)

é preciso ver unidos, actividade de que a Nação precisa, enfim, a unidade que a Portugal convém para viver em paz, necessária ao seu ressurgimento. E' este o *interesse português*.



TODO O IMPEDIMENTO que origine e brigue com a necessária união em volta do nosso Governo é obra de divisão — de traição.

E' ao Estado que compete saber o que mais interessa ao nosso país. Dividir é criar-lhe dificuldades tanto internas como externas.

«Ora é a estes ventos de divisão que se deverá opôr forte barreira na Imprensa e em todos os campos onde eles possam fazer estragos à saúde política, económica e moral da Nação.» E' este o pensamento expresso no *Diário da Manhã*, órgão da União Nacional e, portanto, porta-voz do Governo.



ESTRATEGISTAS, BOATEIROS e gananciosos são os nossos piores inimigos de hoje. E, vendo bem, afinal são os nossos inimigos de sempre — a anti-nação — encobertos com novos rótulos uns, camuflados com novas palavras, outros. Mas, e nisso lucraram, muitos se desmascararam, julgando que não davamos por isso: os *arrivistas*. Todos, juntos de novo, recomeçaram a sua obra de destruição, de discórdia e de especulação.

E' preciso desmascará-los quanto antes opondo às suas palavras veladas, o nosso desassombro; à sua liberdade de opinião, a nossa intransigência — é que não há liberdade contra a Nação. Sejamos coerentes.

Há que acatar, e obedecer as ordens dimanadas do poder. Só assim se provará estar integrado nas doutrinas de que se diz militante. Quem assim nunca fez não tem o direito — e nós não lho daremos — de querer à última hora dar-lhes lições de nacionalismo.



NEM GERMANÓFILOS e nem francófilos, nem italiófilos e nem anglófilos, mas ontem e sempre pelo *interesse português*, pela obra em que há muito andamos empenhados. Anti-liberais, anti-democráticos, anti-marxistas, anti-maçónicos porque nesses princípios está enquadrada a anti-nação.

Pelo Estado Forte, pelo Corporativismo e pela Civilização Cristã porque foram estes princípios que nos fizeram grandes. Em resumo, e como muito bem disse o ilustre director da E. N., capitão Henrique Galvão, simplesmente — *Iusófilos*.

DR. ALFREDO BRAVO

MÉDICO

Doenças da boca e dentes

Praça D. Afonso Henriques, 6

AUSENTE ATÉ 15 DE OUTUBRO